

O PAPEL DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO HOSPITALAR: ESTUDOS INTRODUTÓRIOS

Eixo 1 – Método materialista histórico-dialético

Joan Brito Luciano; UFC - SOBRAL/CE; *joanbrito@ufc.alu.br*
Amanda Biasi Callegari; docente UFC - SOBRAL/CE; *amandabiasi@sobral.ufc.br*

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil tem se mostrado uma área bastante fecunda, que foi discutida por autores clássicos da psicologia ao longo do último século e por seus continuadores no atual momento histórico. Destacam-se, dentre eles, Vygotsky e Elkonin, os quais demonstraram que existe uma relação complexa no que tange o processo do desenvolvimento do psiquismo infantil. Em destaque, suas contribuições na teoria do brincar da criança puderam delinear a existência de uma forma essencial de comunicação e aprendizagem.

Efetivamente, foi possível aplicar as teorias do desenvolvimento nas mais abrangentes condições de vida das crianças, uma delas, bastante discutida atualmente, é a situação da criança hospitalizada (HOSTERT et al., 2014). Esse tema é pertinente devido à radical mudança que a criança experiencia ao passar pela situação de internação e as consequências que essa condição pode gerar no seu desenvolvimento. Diante disso, foi possível realizar o mapeamento das inseguranças, sofrimentos, traumas e aprendizagens que a criança vivencia na sua prolongada estadia no hospital. (HOSTERT et al.; 2014).

É importante destacar que o acompanhamento psicológico dessas crianças é fundamental, uma vez que o hospital se mostra como um ambiente bastante limitante na perspectiva do desenvolvimento infantil. A rotina desgastante, a carência de estímulos visuais complexos, o impedimento físico de socialização com outras crianças, a suspensão de atividades prazerosas do cotidiano, a interrupção de rotinas essenciais para o crescimento físico e psicológico, a ausência da escola, de atividades físicas e alimentação adequada, são algumas das consequências que se verificam nessas crianças (ALMEIDA, 2005). Essa situação culmina numa experiência potencialmente traumática para elas.

Apesar de ser uma situação potencialmente traumática, conforme Almeida (2005), é possível observar que muitos comportamentos da criança se preservam mesmo em meio a

trabalho introdutório serão referenciados apenas dois artigos científicos: 1) ALMEIDA, F. A. Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no hospital; e 2) HOSTERT, C. C. P.; ENUMO, F. S. R.; LOSS, B. M. A. Brincar e problemas de comportamento de crianças com câncer de classes hospitalares. Alguns dados fornecidos por essas pesquisas serão relacionados com as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural acerca do papel dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento infantil.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Vygotsky (1991), os jogos e brincadeiras transcendem os conceitos superficiais que os relacionam apenas ao prazer da criança, uma vez que muitas dessas atividades podem ter resultados negativos, como esportes e desafios de competição. Contudo, é inegável que há um grande interesse da maioria das crianças em praticá-las e, por isso, são consideradas as atividades-guia no desenvolvimento da criança pré-escolar. Vygotsky (1991) destaca a utilidade que essas atividades desempenham no desenvolvimento infantil, pois os jogos e as brincadeiras também evoluem o decorrer do tempo, de forma que a criança perde seu interesse em atividades primárias mais simples e passa a organizar novos tipos de atividades, com maior grau de complexidade. Dessa forma, é possível acompanhar, por meio da observação das mudanças do comportamento da criança perante aos jogos e brincadeiras, as transições dos estágios da infância e do seu desenvolvimento.

Tendo isso em vista, vale destacar o contraste que o ambiente hospitalar representa ao desenvolvimento dessa importante atividade-guia da criança pré-escolar. O espaço repetitivo, sem estímulos visuais desafiadores, os procedimentos invasivos e, por vezes dolorosos, a restrição de contato com outras crianças, a carência de atividades produtivas que envolvam a criatividade, são alguns dos fatores que criam um ambiente bastante limitante para o desenvolvimento dos jogos e brincadeiras no cotidiano da criança. Além disso, a interrupção da rotina da criança para sua inserção nessa realidade e a intercalação da presença dos profissionais de saúde na relação pais/filhos já pode ser potencialmente traumatizante (HOSTERT et. al; 2014). Isso se confirma no estudo de Almeida (2005) que, por meio de sua análise do progresso de assistência a crianças com câncer, demonstra que estas frequentemente se queixavam dos procedimentos dolorosos, da saudade de familiares e amigos e da constante sensação de ausência dos pais.

O estudo de Almeida (2005) teve os brinquedos terapêuticos como principais instrumentos de investigação. Isso permitiu que a autora (2005) e sua equipe pudessem

No que concerne a esse novo jogo, vale destacar na pesquisa de Almeida (2005), o registro dessas atividades em crianças internadas. Em primeiro lugar, é possível notar o interesse quase imediato, de uma expressiva parte das crianças analisadas, pelos brinquedos disponibilizados. Em segundo lugar, nota-se que há a execução de brincadeira protagonizadas tanto por meio de brinquedos ordinários (panela, ovo, boneca), quanto por meio de brinquedos representando instrumentos médicos (seringa, algodão, soro) – com exceção de crianças que demonstravam aversão quase imediata aos materiais hospitalares. Os estudos demonstram o interesse das crianças não só pelos instrumentos lúdicos hospitalares, como também uma perícia acentuada na manipulação desses objetos. Isso confirma a afirmação de Vygotsky (1991) acerca da capacidade de apreensão das crianças de sua realidade concreta, como também confirma a tese de Elkonin (2009) de que a brincadeira protagonizada é fonte e resultado da aprendizagem das crianças, que nesse caso é refletida pelo ambiente hospitalar.

CONCLUSÃO

Por meio dos dados levantados por Almeida (2003) e Hostert et al. (2014), verifica-se que as crianças hospitalizadas, apesar de se encontrarem em um ambiente hostil ao seu desenvolvimento, apresentam interesse pelos jogos e brincadeiras. Esse fato corrobora com a tese de Vygotsky (1991), desenvolvida por Elkonin (2009), de que a criança pré-escolar encontra no jogo protagonizado a atividade-guia de seu desenvolvimento psíquico. Tal premissa abre um fecundo campo de investigação acerca do papel do jogo protagonizado no desenvolvimento psíquico das crianças pré-escolares em situação de hospitalização. Neste trabalho, apresentou-se as reflexões introdutórias acerca dessa relação, a partir da análise dos dados fornecidos pelas pesquisas aqui referenciadas.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Psicologia Histórico-Cultural. Hospital. Criança. Brincadeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, F. A. **Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no hospital**. São Paulo: II Simpósio Internacional de Enfermagem, 2003.

ELKONIN, D.. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, (2009).

HOSTERT, C. C. P.; ENUMO, F. S. R.; LOSS, B. M. A. **Brincar e problemas de comportamento de crianças com câncer de classes hospitalares**. São Paulo: Revista Psicologia: Teoria e Prática, 16(1), 127-140., jan.-abr. 2014.

VYGOTSKY, L. S. (1991). **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes.